



Latrão é lugar de encontro de dois mundos¹

Frei Manuel Uña², OP

Frei Uña é um herdeiro e conseqüente dos ensinamentos de São Domingos, fundador da Ordem Dominicana e do legado dos frades dominicanos que, já em 1517, abriram as portas da primeira Universidade de Havana, onde hoje se encontra a Universidade São Gerônimo de Havana. Ele fundou recentemente um Centro de Estudos com o nome emblemático de Frei Bartolomeu de las Casas. Continua defendendo a ideia original dos dominicanos sobre a importância do estudo e a convicção de que “onde se produz o conhecimento e a pesquisa, estão as possibilidades do desenvolvimento humano”.

“O fato de ser convidado a falar na Universidade não é apenas uma justa memória do passado, mas também um diálogo presente, que busca juntos a verdade, venha de onde vier e juntos construir um futuro melhor para todos.”, afirma ele.

Sua primeira vez em Cuba, vindo de Sevilla foi em 1986, seguida de outras 33 viagens que o fizeram cruzar o Atlântico “até que, finalizada a missão de provincial, vim para ficar na ilha onde antes havia vivido Frei Bartolomeu de las Casas”.

Entrevista³

1. Como o senhor se sente ao se reconhecer como herdeiro da missão dos dominicanos que fundaram a primeira Universidade de Havana e como isso o faz lembrar-se deles à luz de tantos anos?

O verbo “recordar” traz neste momento à minha memória o nome de um professor internacionalmente reconhecido da Universidade de Salamanca, admirado na Espanha por sua decisão de buscar pessoas com visão de futuro, Dr. Joaquín Ruiz Jiménez, leigo dominicano e grande amigo meu. No dia 28 de janeiro de 2000, nós o convidamos para dar uma palestra sobre Frei Bartolomeu de las Casas e ele nos disse: Quando se chega, graças à Providência de Deus, à oitava geração do percurso vital, é importante conjugar alguns verbos com simplicidade: lembrar, agradecer e recriar. Eu faço minha, esta conjugação de verbos para responder à sua pergunta.

Acima de tudo, lembre-se, o que não é fácil, porque como dizia Antonio Machado: “Guardo a emoção das coisas, mas há muitas lacunas na minha memória”. Muitas emoções se amontoam na memória reconstituente.

¹ Com esta edição, **TABLOIDE OP SUPLEMENTO**, inicia a publicação – sem compromisso de datas fixas – de alguns textos fontes da tradição dominicana, como subsídios para a celebração do **Ano Jubilar dos 800 anos da Páscoa de São Domingos de Gusmão**.

² Frade dominicano, espanhol e residente em Havana, Cuba, há 27 anos. Com 85 anos de idade, foi o conferencista na Cerimônia do 293º aniversário da Universidade de Havana.

³ Entrevista extraída de https://www.religiondigital.org/opinion/Fraile-orillas-universidad-habana-letran-dominicos-predicadores_0_2319668047.html e concedida à jornalista Marina Menéndez Quintero, no Programa “Juventude Rebelde” da Rádio Havana, em 06 de março de 2021.



Neste ano de 2021 celebramos os 800 anos da morte do nosso fundador, São Domingos de Gusmão. Homem movido pelo espírito e apaixonado pela verdade, evangelizador incansável, sempre disposto a ultrapassar as fronteiras das culturas ou aquelas impostas pelas inevitáveis diferenças entre os seres humanos.

A segunda coisa que quero lembrar é a chegada dos primeiros frades dominicanos a Cuba em abril de 1515. E a terceira, a fundação da Real e Pontifícia Universidade de São Gerônimo de Havana, em 5 de janeiro de 1728.

Passo ao verbo agradecer, com a intuição de Marti de que “é preciso saber o que foi, porque o que foi está no que é”. Em Cuba, a presença da Ordem Dominicana foi decisiva, como mostra o fato de que muitas páginas da história cubana foram escritas por dominicanos e algumas das mais notáveis agora são impossíveis de separá-las do pensamento cubano. A comunidade do antigo São João de Latrão em O'Reilly e Mercaderes, foi o berço e viveiro de criatividade e audácia onde nossos primeiros cientistas, literatos, grandes professores e doutores de estatura universal, bem como os primeiros ideólogos dos direitos e preocupações dos jovens cubanos. Foram portadores de ideias que ultrapassaram a própria universidade e lutaram para ir além do que aprenderam.

Nós, frades pregadores, sabemos que devemos “recriar” o carisma que nos foi dado, para que a memória presente abra as portas a um amanhã renovado. Não basta ficar ancorados em glórias passadas, como nos recordou São João Paulo II em 23 de janeiro de 1998 na Aula Magna da Universidade de Havana: “Lembrem-se que a tocha que aparece no escudo desta universidade, não é apenas memória, é projeto e futuro”.

2. Como o senhor mantém seu compromisso com o Iluminismo? Como é o trabalho do Centro Frei Bartolomeu de las Casas hoje?

O Iluminismo foi um movimento cultural e intelectual, que recebeu esse nome por seu propósito declarado de dissipar as trevas da ignorância da humanidade, através das luzes do conhecimento e da razão, caracterizadas pela pluralidade e tolerância.

Hoje, para nós, crentes, a fé e a razão são como duas asas nas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. A Ordem dos Pregadores, que desde as suas origens foi fundada para o estudo e tem entre os seus santos grandes figuras do pensamento universal, como Alberto Magno e Tomás de Aquino, encontra nos centros educativos um espaço de razão e de fé. Ali, onde se produz o conhecimento e a pesquisa estão as possibilidades de desenvolvimento do ser humano.

Foi na primavera de 1994, poucos anos antes daquela inesquecível visita em que o verbo “abrir” seria um grito fundamental, que os frades dominicanos, movidos por um sonho comunitário, decidimos abrir um espaço que fosse um lugar para o encontro, reflexão e diálogo para todos os cubanos. No dia 30 de março de 1995 foi proferida a primeira conferência na sala Frei Bartolomeu de las Casas do novo São João de Latrão, no Vedado. Era a primeira e foi profética, ousamos abrir caminhos de vida, de encontro, de reconciliação e de diálogo na nossa Cuba, convencidos de que “viver no próprio tempo nos obrigava a um verdadeiro diálogo com o homem”.

E desde então, o areópago da nossa sala de aula foi enriquecido com uma verdadeira sinfonia de pensamentos e vozes das mais variadas ideologias e crenças. A rica experiência da sala de aula nos levou a abrir um espaço maior em 1998, o Centro Frei Bartolomeu de las Casas, no qual oferecemos à comunidade estudantil de Havana um espaço próprio para beneficiar a leitura e a reflexão. Em nossa casa, a linguagem do amor e da verdade, do respeito e do diálogo foi cultivada desde o primeiro momento. As convicções de outras pessoas foram valorizadas, bem como o amplo leque de tradições culturais e religiosas. Por ter acreditado nos homens e mulheres cubanos, nos sentimos respeitados e credenciados por todas as classes sociais. Foi isso que deu origem ao “microclima de Latrão”, que tanto valoriza quem chega lá.

INFORMATIVO DA PROVÍNCIA FREI BARTOLOMEU DE LAS CASAS – DOMINICANOS NO BRASIL

E-mail: secretariaprovincia@dominicanos.org.br

Telefones: (62) 3928-1333 / (62) 99417-2721 Whatsapp



Nas palavras do Dr. Fernández Retamar, de feliz memória, Latrão é um lugar de encontro de “dois mundos”. Neste momento, o número de alunos ultrapassa os mil e, como podemos ler na primeira página do site do Centro, já se passaram mais de 20 anos lançando luz sobre o nosso povo. Uma luz que não se apagou graças aos esforços do seu Reitor e demais membros, que souberam se adaptar às novas circunstâncias das pessoas e dos tempos, atualizando métodos e formas.

3. Como foram esses seus anos em Cuba? O senhor me atualiza sobre o trabalho do Centro de Estudos hoje?

Hoje falamos sobre a cultura da memória histórica: "Você nunca avança sem memória, não evolui sem uma memória integral e luminosa" (Papa Francisco, Fratelli Tutti 249). Atualizar é tecer o passado com o presente, ciente de que a vida se define não pelo tempo que passa, mas pela qualidade dos encontros, dos vínculos que estabelecemos.

Vim de longe, mas depois de alguns meses em Havana, descobri a necessidade de conhecer melhor as pessoas e a realidade. Para isso, precisei limpar minhas lentes e abordá-las com um visual “totalmente novo”. Fiz a determinação de algo que tem sido muito valioso para mim: deixar-me ensinar que é tão importante quanto querer aprender, dosar relacionamentos, dar tempo à escuta atenta e serena. Isso me ajudou a não querer correr atrás da vida e aprender a me comunicar com as novidades que encontro ao longo do caminho.

Recriar tem sido o meu verbo preferido, não repetir, nem repetir-me, mas “renascer”, atualizando a vida. Essa urgência que senti de me aproximar mais e melhor das pessoas deu lugar à criação do Centro. Foi um sonho comunitário que “passo a passo e respeitando o próprio ritmo” se tornou realidade. Os irmãos daquela época: os frades José Manuel Fernández, Luis Muñoz, Antonio Bendito, Pedro Román e um servidor, acolhemos as diferenças, a pluralidade de tons e nuances humanas, surpreendendo-nos quando vimos como o diálogo abre as portas da confiança, do respeito e da mútua valorização.

Não podemos fazer hoje o que a comunidade do antigo São João de Latrão fez em 1728, nem o que os frades do novo São João de Latrão fizeram em 1994. Hoje são novas realidades, novos caminhos que exigem uma nova língua para um novo momento. Peço a Deus que não me deixe envelhecer relembando outros tempos, mas que saiba abraçar o passado e sem adesões abrir-me ao presente, continuar a arar os sulcos onde o futuro possa germinar. Futuro que talvez não veja com os olhos do corpo, mas intuindo e desfrutando com os da alma.”

4. Como o senhor se sente como herdeiro dos fundadores da Universidade de Havana e continuador de sua obra?

- Senti-me agradecido por pertencer à Ordem dos Pregadores, herdeiro do seu espírito evangelizador. É a Ordem que me formou, ajudando-me a ser uma pessoa aberta, com uma visão positiva do mundo em que tive de viver. É a Ordem que – depois de terminar o meu serviço como Provincial, me enviou a Cuba, em circunstâncias muito específicas.

Estou fascinado pelas palavras de meu irmão Frei Timothy Radcliffe: *“Precisamos nos sentir bem no tempo, e também precisamos viver dentro de uma história que englobe o passado e o futuro. Construímos uma casa com as histórias de nossos ancestrais e nos sentimos confortáveis quando compartilhamos a esperança para o futuro”* (Frei Timothy Radcliffe, “Paixão por Cristo, paixão pela humanidade, Claretianas, Madri, 2004, p. 206).

“Senti gratidão pelo que me havia sido confiado e porque eles confiaram em mim. Pelo apreço do Dr. Eusebio Leal, estendido ao Dr. Félix Julio (Alfonso), que realizou seu desejo. Agradeço a deferência que me foi manifestada pelo Ministro da Educação, pelo Reitor da Universidade e por todo o público aí presente. Gratidão aos irmãos dominicanos que me acompanharam, sabendo que minha palavra também era deles. Agradeço a deferência que me foi manifestada pelo Senhor Ministro da Educação, a Reitora da Universidade e por todo o público aí presente” (Frei Uña).

INFORMATIVO DA PROVÍNCIA FREI BARTOLOMEU DE LAS CASAS – DOMINICANOS NO BRASIL

E-mail: secretariaprovincia@dominicanos.org.br

Telefones: (62) 3928-1333 / (62) 99417-2721 Whatsapp



Estou contente com a minha sorte, estou encantado com a minha vocação, com a minha idade, por estar em Cuba e por viver este momento. Não nasci para me desencantar!

Senti-me responsável por ser filho da família dos Pregadores que escreveu tão gloriosas páginas, também em Cuba e que continua no esforço para que a história a construir seja tão digna e bela. Percebi a urgência e a conveniência de partilhar com todos o quanto necessitamos de uma visão inclusiva das diferenças. Ao mesmo tempo, era o que estava contemplando ali, na sala de aula.

5. Quais são as atividades que o senhor desempenha agora?

Ontem uma pessoa perguntou-me quantos anos eu tinha e lembrei-me de como o José Saramago tinha respondido a esta mesma pergunta: “Não quero pensar nisso! Tenho a idade em que as coisas se olham com mais calma ... mas com interesse em continuar crescendo ... Que importa quantos anos eu tenho ou quanto tempo espero, se com os anos que tenho aprendi a querer o que é necessário e a beber, só o que é bom!”.

A minha missão hoje é viver com lucidez esta hora e encerrar bem uma etapa muito importante da minha vida. Aos 85 anos me encontro dando o passo desde trabalhar e fazer muito para parar de fazer, de deixar fazer e, como crente, de deixar Deus fazer sua obra em mim. Sinto o chamado a me ouvir, me recompondo, para ser uma pessoa melhor a cada dia.

Só assim posso oferecer o serviço de uma escuta livre, respeitosa e acessível a todos. O quanto se aprende nessa tarefa, que possibilita empatia, diálogo e reconhecimento do outro para além de seus condicionamentos cultural ou ideológico. Eu faria um monumento ao estetoscópio!

Ouvir compromete-me a acompanhar as pessoas no seu próprio caminho humano e espiritual. Caminhar perto de todos, aprendendo a língua dos mais jovens que me ajudam a não envelhecer muito cedo; dos mais fracos, que me ensinam a ser grato; dos não crentes, que me mostram como é essencial ter credibilidade.

A minha missão hoje não é voltar ao passado para me agradar, mas continuar a dar o melhor de mim. É hora de me abandonar nas mãos de Deus que me criou e me recria todos os dias. É hora de ser como um bom pão que se parte, se distribui e se compartilha sem pressa, semeando esperança.”